

Cotidiano & Imaginário

A ARTE DA MULHER BRASILEIRA
NO SÉCULO XX

Miranda, Sérgio Wagner de
Parte de Produção Artística
2001

Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal

Valores na diversidade

Não seria um final de um século e o início de outro – e um novo milênio até – que iria findar os questionamentos e discussões que permeiam as artes plásticas. A arte tem uma história. A arte de cada dia é construída sobre o conhecimento, as pesquisas, realizações e frustrações anteriores. Ainda que o artista contemporâneo queira negar o passado é preciso conhecê-lo antes. E nem todo artista, para ser contemporâneo, precisa efetivamente romper com o que já foi feito, com as referências que a história lhe oferece.

A valorização que a economia vigente emprega à cultura e às artes plásticas aí incluídas – tem resultado, entre outras coisas, no surgimento de um número cada vez maior de artistas. Formados em escolas, faculdades de arte, ateliês e mesmo cursos oferecidos por instituições culturais, esse contingente chega ao mercado de arte com uma gama variada de interpretações bem particulares

da história que a arte lhes oferece. E é natural que os caminhos sejam tão distintos quanto forem os novos artistas.

A diversidade é muito positiva para a arte, principalmente quando respeitada. Claro que não se pode aceitar tudo como arte.

Os critérios – tão discutidos quanto à própria arte – representam valores que devem ser considerados na avaliação da produção contemporânea. Mas a própria história da arte ensina que os valores utilizados hoje para classificar essa produção podem não ter o mesmo sentido amanhã.

E o que teremos jogado fora?

Ao artista cabe apresentar sua arte. Aos críticos, ao público, ao mercado. E colher de cada um, e de todos eles, os frutos de uma produção fiel à sua maneira de pensar e fazer arte. Arte para ser entendida, para ser sentida, para ser vivida. Não necessariamente nessa ordem.

Sérgio Miranda

Jornalista
MAC USP